



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/metodologia-do-envolvimento/>

Metodologia do envolvimento: reontologização do ser e ecologias de saberes para futuros radicais

Camila Camargo [1]

Gabriela Neves [2]

RESUMO: Em um contexto de biopolítica colonial que regula corpos e afetos pelo medo e pela vergonha, a “Metodologia do Envolvimento” propõe uma perspectiva decolonial voltada à reontologização do ser. Inspirada na “Metodologia do Afeto” (rede Afeta) e na “Pedagogia das Encruzilhadas” (ancorada em Exu e na EXUbjetividade), a proposta confronta a lógica desenvolvimentista do capitalismo, reivindicando o “envolvimento” como alternativa ao “desenvolvimento” extrativista criticado por Nego Bispo. Baseada na premissa de que o sentir constitui a comunicação original com o mundo (SODRÉ, 2017, p. 112), a metodologia propõe a descolonização de afetos e corpos. Essa abordagem visa resgatar e cruzar saberes marginalizados — como os ancestrais, orais e populares — em diálogo não hierárquico com o conhecimento produzido na academia, no que se chama de “cruzo”. Guiada pela ética de Exu, abre espaço para subjetividades plurais capazes de narrar futuros que escapam à lógica exploratória. Sua atuação se dá em três dimensões interligadas: a Mente, que substitui dualismos por ecologias de saberes; o Corpo, que rompe com a disciplinarização colonial por meio de práticas de movimento e ritual; e a Alma, que reconecta ancestralidades não hegemônicas e fortalece redes de cuidado. Ao integrar justiça cognitiva, afetiva e ecológica, a “Metodologia do Envolvimento” oferece caminhos pedagógicos para a construção de mundos onde envolver-se significa tecer vida e interdependência.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem Transformadora. Ecologias de Saberes. Pedagogia das Encruzilhadas. Reontologização. Antropoceno.



Methodology of involvement: re-ontologization of being and ecologies of knowledges for radical futures

ABSTRACT: Within a context of colonial biopolitics that regulates bodies and affects through fear and shame, the Methodology of Involvement emerges as a decolonial proposal for the re-ontologization of being. Drawing from the Affect Methodology (Afeta network) and the Pedagogy of the Crossroads (anchored in Exu and EXUbjetivity), it challenges the capitalist developmentalist logic by affirming “involvement” in place of extractive “development,” as critiqued by Nego Bispo. Grounded in the premise that feeling constitutes the original communication with the world (Sodré, 2017, p. 112), it seeks to decolonize affects and bodies. This approach aims to reclaim and cross marginalized knowledges — ancestral, oral, and popular — weaving them into non-hierarchical dialogue with academic knowledge, the “cruzo.” Guided by Exu’s ethics, this process destabilizes colonial epistemologies and fosters plural subjectivities capable of imagining futures beyond exploitation. The Methodology of Involvement unfolds across three dimensions: the Mind, replacing dualisms with ecologies of knowledge; the Body, resisting colonial disciplining through movement and ritual; and the Soul, reconnecting to non-hegemonic ancestries and strengthening networks of care. By integrating cognitive, affective, and ecological justice, it opens pedagogical pathways for building worlds where “involvement” signifies weaving life and interdependence.

KEYWORDS: Transformative Learning. Ecologies of Knowledges. Pedagogy of the Crossroads. Re-ontologization. Anthropocene.

Biopolítica colonial e a urgência de novos modos de estar no mundo

Em sociedades marcadas pela biopolítica colonial, o controle não se dá apenas pelos territórios, recursos naturais e saberes, mas pelos corpos e afetos de modo completo e profundo, operando não apenas pela força, mas também pelo medo, vergonha e raiva. Segundo Frédéric Gros (2021), em contextos em que a vergonha se apresenta, ela ultrapassa o sentimento individual: se transforma em desonra e desprezo, corroendo a autoestima e produzindo raiva sobre si. Uma



forma de atestar a decepção diante da impossibilidade de corresponder aos códigos morais impostos. A desonra, por sua vez, é a degradação da imagem pública sustentada por normas de obediência e retidão, provocando a rejeição do coletivo e alimentando o ciclo da vergonha. No fundo, a vergonha nasce da imaginação da falta de amor, de não ser digno de pertencimento.

Essas dinâmicas não são apenas subjetivas: elas se ancoram em mitos fundadores, códigos sociais e linguísticos com valores e hierarquias coletivos, imaginários compartilhados e transmitidos entre gerações. A moralidade sustenta projetos de sociedade, visões de ser e finalidades da vida social. Assim, essa base moral controla corpos e afetos, despotencializa todos os seres que se diferenciam da base universalizante e é perpetuada, moldando não só o presente, mas também o futuro.

No caso da biopolítica colonial, o mito fundador foi a invenção da raça, justificando a exclusão, a esterilização, a segregação e até o extermínio. Trata-se de uma tecnologia de poder que não deixa espaço para outras formas de vida, para outros modelos de existência. *“Rather than celebrating people who express themselves on their own terms, we repress them [...] the unfamiliar becomes a threat and not an opportunity”* (Vaid-Menon, 2020, p.26-27).

Diante desse cenário, torna-se urgente remexer as bases fundamentais do ser para reconstruir modos de estar no mundo ancorados em valores não hierárquicos, não binários, coletivos, orgânicos e corpóreos. Para isso, utilizamos a proposta de Abdias Nascimento (1914 - 2011) - diretor, dramaturgo, pintor, poeta, ativista e o primeiro senador negro da história da República Brasileira (Instituto Tomie Ohtake, 2025) – ao criar formas associativas que dão origem a projetos de emancipação social, alicerçados em histórias e culturas não hegemônicas, que confrontam as narrativas coloniais.

É nesse horizonte que surge a “Metodologia do Envolvimento”, uma proposta decolonial de reontologização do ser. Inspirada na “Metodologia do Afeto” — que desde 2020, pela rede Afeta[3], cria ambientes para a expressão da (bio)potência — e na “Pedagogia das Encruzilhadas”, ancorada em Exu[4] e na EXUbjetividade, de João Paulo Ignácio (2020), essa abordagem, articulada pela rede de mulheres negras Afrofuturar[5], propõe reencontros e cura, ainda que na colonialidade, para que o conhecimento não fique restrito aos limites da perspectiva ocidental.

Metodologia do envolvimento



A “Metodologia do Envolvimento” parte do princípio de que “sentir é a comunicação original com o mundo” (Sodré, 2017, p.112). Isso significa que o conhecimento não nasce apenas da razão abstrata, mas do corpo, do gesto, da voz, do ritual - dos sentires. São saberes desprezados pelo Ocidente, mas fundamentais para a existência da vida na Terra, transmitidos por gerações, preservados e atualizados nas práticas ancestrais e contemporâneas cotidianas.

Como referência tangível para a “Metodologia do Envolvimento”, intercruzando saberes e formatos diversos para inovar e propiciar ambientes favoráveis para a expressão da (bio)potência, citamos o Teatro Experimental do Negro – TEN [6], projeto coletivo iniciado por Abdias Nascimento em 1944 no Rio de Janeiro. O movimento foi criado para, nas palavras de Nascimento: “estabelecer o teatro, espelho e resumo da peripécia existencial humana, como um fórum de ideias, debates, propostas e ação visando à transformação das estruturas de dominação, opressão e exploração raciais implícitas na sociedade brasileira dominante” (Nascimento *apud* Instituto Tomie Ohtake, 2025, p. 4). Na prática, a fim de nutrir um imaginário social em que pessoas negras pudessem atuar e contar suas próprias histórias, além da produção de espetáculos, o TEN foi espaço de alfabetização e educação política, promovendo concurso de beleza – para enaltecer a beleza das mulheres negras e questionar os padrões vigentes e eurocêntricos à época –, festival musical e diversos movimentos que destacam sua importância e contribuição para o teatro moderno brasileiro e para a representatividade negra nas artes e na política.

O conceito de “corpo-tela”, de Leda Maria Martins (2023), é fundamental para embasar o que se traz aqui: o corpo é o suporte e o veículo de saberes, memórias e ancestralidades, e opera a partir de uma cosmovisão integrada, onde humanos, natureza e ancestrais coexistem. O corpo não é invólucro, mas condição de compreensão do real; nas danças afro-brasileiras, por exemplo, o movimento não representa o sagrado, ele é o sagrado em ato, uma comunicação direta com o mundo invisível (Martins, 2023).

Essa compreensão se torna bastante concreta a partir da trajetória de mais de 20 anos de uma das pesquisadoras com o Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode [7]. Ao longo dos anos, a vivência mostrou como o corpo é espaço de resistência, criação e transmissão de saberes. Nos encontros e festas, oficinas de música e dança, e rituais de compartilhamento de alimentos promovidos pela mestra Iara Deodoro no Afro-Sul, o corpo não era apenas um instrumento funcional, mas sim, território de memória e fonte de reinvenção coletiva. Cada gesto, cada dança, cada toada é



linguagem viva, capaz de atualizar histórias e mitos ancestrais e afirmar identidades e estéticas que resistem à colonialidade.

No Afro-Sul, experimentar o “corpo-tela” significa também experimentar o envolvimento: estar circundado por uma rede de afetos que se tornam familiares, trocas e aprendizagens que não separam razão e sensibilidade. O aprendizado se dá na escuta da espiritualidade, no movimento partilhado, na criação conjunta. As práticas corporais ali realizadas, fundamentadas na ancestralidade, não apenas comunicam, mas produzem conhecimento, ampliando a percepção de si e do mundo, reafirmando que a “mudança do instrumento linguístico de conhecimento e de produção científica provocaria [e provoca] uma ruptura epistemológica” (Sarr, 2019, p. 105). É nesse ambiente que é compreendido, na prática, o que Leda Maria Martins (2023) propõe: o corpo é ambiente de saber, e sua potência está justamente em descolonizar não só as mentes, mas as formas de existir e de conviver.

À experiência no Afro-Sul acrescentamos o trabalho potente de Puma Camillê, artista brasileira multidisciplinar e que se autodenomina “transcestor” – uma travesti ancestral. Com muitos anos de prática de capoeira, Camillê cruzou os saberes ancestrais e movimentos dessa luta-dança afro-brasileira com os giros, poses e caminhadas do vogue, estilo de dança que nasceu nas *ballrooms*, bailes de celebração da identidade, pertencimento e expressão da comunidade LGBTQIA+. Nomeada como “capoeiravogue”, essa técnica inovadora é ensinada em oficinas em escolas, palcos, teatros, institutos e até empresas no Brasil e no mundo, por meio do coletivo **Capoeira para Todes** (Ferrari, 2023), compartilhando saberes, condutas ancestrais e aprendizados sobre autoestima para crianças e pessoas jovens e adultas da comunidade LGBTQIA+ que não se identificam com os espaços de práticas esportivas, geralmente normativos e pouco acolhedores para corpos trans ou fora do padrão cisgênero.

Tanto a experiência no Afro-Sul, quanto o método “capoeiravogue” de Puma Camillê reafirmam a centralidade do “corpo-tela” como chave para acessar e promover outros modos de ser, aprender e criar. Essa perspectiva desafia a lógica desenvolvimentista do capitalismo, criticada por Nego Bispo, para quem o “desenvolvimento” é, em essência, negação do envolvimento (Santos, 2023a). Enquanto desenvolver significa crescer, expandir-se de forma isolada e desconectada do território, da comunidade e da natureza; envolver é criar vínculos, pertencer com afeto e reciprocidade, construir conhecimento de forma coletiva e situada. “Ao invés de desenvolvimento – essa palavra



que des-conecta – precisamos do envolvimento.” (Santos [s/d]) [8]. O desenvolvimento, como ideologia, universaliza uma pretensa superioridade da experiência euro-americana e desqualifica outras trajetórias e formas de organização social.

A “Metodologia do Envolvimento” propõe, portanto, a ampliação do significado de conhecimento, valorizando saberes marginalizados; dos lugares onde residem os fantasmas projetados, a “selvageria que revivia as entranhas das nações civilizadas” (Sarr, 2019, p.10). Ao se propor envolvimento, propõe-se uma série de significações que ultrapassam a utilidade prática do saber, reafirma-se o valor (mercantil, social, simbólico) – essa propriedade intrínseca, mas de base social – daquilo que sustenta e enriquece o processo vital, que constrói legado.

O cruzamento (“cruzo”) entre saberes acadêmicos e não hegemônicos, entre a ancestralidade e o moderno, entre o pensamento ocidental e as filosofias ancestrais, guiado pela ética de Exu, desestabiliza as epistemologias coloniais e constrói subjetividades plurais, capazes de narrar futuros para além da exploração humana e ambiental. Na dinâmica de Exu, onde há inconformidade, há rebeldia; onde há imobilidade, há também a necessidade de movimento. Nesse diálogo, as oposições e a ambivalência coexistem na base do saber. A crítica e a dualidade não estão para contrapor ou sobrepor uma sabedoria, mas para construir de forma conjunta. Desestabilizar o que está dado é condição para a reinvenção do ser. Com a desestabilização, como mudas de plantas que “milagrosamente” florescem e resistem em meio ao concreto das cidades, abrem-se frestas de possibilidades: de outros tempos, de outras formas de pensar e agir, de imaginar mundos que não correspondem às normas impostas.

Com a ancestralidade como repertório ético e de valores, a “Metodologia do Envolvimento” opera em três dimensões interdependentes:

- Mente: Substitui dualismos (sujeito/objeto, humano/natureza) por ecologias de saberes, integrando ciência, arte, vivência e espiritualidade. O sentir, aqui, não distancia o ser humano do mundo, mas o envolve afetivamente, reconhecendo-o como parte da “totalidade simultânea das coisas e dos seres” (Sodré, 2021). O sentir se torna ferramenta e embasamento para tomada de decisão. A educação pelo sensível, inspirada em Exu, legitima saberes corporais e ritualísticos como formas de conhecer e transformar o mundo.
- Corpo: Rompe com a retidão, pureza, linearidade e disciplina colonial por meio de práticas como dança, ginga, ebós epistemológicos e rituais de cura, resgatando a corporeidade como



território político e epistêmico que se movimenta de forma espiralar, criando e recriando narrativas. A dança, a brincadeira, a música e os rituais não são entretenimento, mas modos de “educar para o sensível”, criando sujeitos capazes de reconhecer interdependências e lutar por justiça.

- Alma: Reconnecta com a ancestralidade não hegemônica, fortalecendo redes de cuidado coletivo e interdependência vital. É o movimento de reencantamento, a conexão e relação responsiva entre diferentes espaços-tempo, que se instaura de forma simultânea para frente e para trás, para um lado e para outro, de forma curvilínea, arruinando a lógica de centro, reafirmando a circularidade e a vida.

Materialização da metodologia: práticas e vivências

Existem inúmeros exemplos que partem do uso das ciências, e de forma situada, aplicam a sinuosidade que não se prende a formalidade jurídica, ética ou estética, e, unindo os diferentes saberes, criam caminhos não óbvios ou desobediências tecnológicas: conceito elaborado por Ernesto Oroza (Is4belaoliveira, 2018), designer e artista cubano que estudou o jeito cubano de encontrar solução para carências, depois de períodos subsequentes de crise e de um implacável bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos. Como o “*cacharreo*” colombiano [10], a gambiarra brasileira [11], o design espontâneo periférico [12], surgido em 2019 do debate acadêmico entre as autoras Maria Cecilia Loschiavo e Pamela Corrêa (Corrêa, 2019), ou a *mecnologia* [13] de Thamyra Thâmara e Marcela Lisboa (2019). Todas são alternativas criativas e, intuitivamente, criadas por populações periféricas em resposta à falta de recursos. Apesar de alguns desses conceitos já serem acadêmicos e associados à determinadas pessoas, suas elaborações geralmente são feitas de forma coletiva e fora das academias, compartilhados de forma oral ou documentados de maneira informal, o que dificulta o mapeamento e determinação de data e local de origem ou da citação.

As autoras tiveram a oportunidade de aplicar a “Metodologia do Envolvimento” em um projeto pela rede Afeta\ para mapeamento e implementação de políticas de diversidade no Museu Afro Brasil Emanoel Araujo (MAB) em São Paulo, instituição dedicada a celebrar a arte, história e cultura afro-brasileira, sendo reconhecido como o maior museu da diáspora africana no mundo. Com um quadro de funcionários de maioria negra, o que foge à regra do mercado corporativo brasileiro, foi



compreendido que o *framework* proposto pela “Metodologia Afeta”, apesar de trazer as lentes da biopolítica para compreender o impacto dos afetos positivos e negativos nas relações de trabalho, não considerava certas camadas da subjetividade negra diáspórica brasileira, como a importância fundante da ancestralidade e a construção de uma identidade a partir do território latino-americano sul global.

O grupo consultor de trabalho, formado apenas por mulheres negras – Camila Camargo, Gabriela Neves, Rubiana Viana e Luciana Nogueira – guiou uma jornada de 8 meses na instituição, entre novembro de 2024 e junho de 2025, implementando um processo ritualístico que cruzou conhecimento técnico de estratégia com ferramentas e gestão pautadas na escuta, no acolhimento e na ancestralidade, passando por três grandes momentos:

1. Imersão na cultura – momento crucial em que, além de acesso a documentos oficiais, pessoas foram ouvidas, seus sentimentos acolhidos, e mapeadas as dinâmicas e os comportamentos que tecem a cultura do grupo. Para isso, além da inserção em inúmeros materiais institucionais e rodadas de escuta ativa, foram vivenciadas visitas-guiadas às obras, momentos que colocaram o corpo em movimento, formulários foram aplicados, ajustando linguagem e abordagem para incluir pessoas não nativas digitais ou que não utilizam equipamentos digitais em seu dia a dia de trabalho. Para preparar a equipe do MAB para esse momento, a fase de Imersão foi inaugurada com uma conversa para todas as 100 pessoas colaboradoras apresentando o projeto e o objetivo, e sensibilizando sobre vieses inconscientes a partir de exemplos da cultura popular;
2. Diagnóstico – compartilhamento de percepções a partir da imersão na cultura da organização, mapeamento de pontos favoráveis e de atenção para implementação da diversidade na cultura e organização, além das orientações estratégicas. Temas como cultura organizacional, arquitetura permeável, regeneração e perspectivas indígenas fizeram parte das referências para pensar novas rotas;
3. Condução para a criação do comitê de DE&I [14] – a última etapa do projeto foi a condução de três workshops *online* para instrumentalizar pessoas colaboradoras sobre papéis, funções e governança do comitê de diversidade. O grupo era recém-formado com oito pessoas colaboradoras de diversos cargos e áreas do Museu. Além de compartilhamento de conhecimento técnico de ferramentas e critérios para as futuras tomadas de decisão, a



equipe da consultoria conduziu dinâmicas de conexão e escutas ativas constantes a fim de proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para que as pessoas partilhassem suas dúvidas e receios, enquanto incentivava o reconhecimento da existência de conhecimento coletivo. No último encontro, não era apenas perceptível a conexão criada entre as pessoas, mas 80% do grupo sinalizou em pesquisa estar feliz por sentir-se preparado para realizar as atividades, sem acompanhamento da consultoria.

Ao todo, as ações desse projeto impactaram diretamente 100% das pessoas colaboradoras (100 pessoas) e mais ativamente 8 pessoas dentro do Comitê de Diversidade, que seguirão com ações para o público interno e externo, conectando a pauta da diversidade com o acervo do Museu e da interseccionalidade.

Inspiradas com os resultados do trabalho no Museu Afro Brasil, o grupo consultor seguiu com a aplicação da “Metodologia do Envolvimento”. Dessa vez, o método tornou-se fundamento e orientação para o trabalho de terrenAs, *hub* de inovação e pesquisa criado pelo grupo para investigar novas narrativas e criar territórios favoráveis para fomentar novos imaginários, cruzando saberes populares e acadêmicos em conhecimentos práticos.

A primeira pesquisa autoral do *hub* teve como ponto de partida a potência das brincadeiras como estratégias de sobrevivência em um mundo de polícises e, além das estratégias convencionais de investigação como *desk research* e entrevistas em profundidade, foi aplicado um laboratório prático do brincar como diferencial metodológico pautado no envolvimento. Para isso, a especialista do brincar Silvana Souza e a mestre em psicologia Rubiana Viana, ambas também idealizadoras terrenAs, cocriaram uma jornada interativa e sensível, na qual adultos convidados vivenciaram diferentes formas de brincar ao longo das fases da vida, resgatando memórias, desbloqueando a criatividade e abrindo espaço para o lúdico na vida adulta. A abordagem, apesar de leve e lúdica, teve como objetivo a compreensão de hábitos de vida e fatores psicossociais, além da medição dos níveis de estresse e ansiedade da chegada e saída da dinâmica. Para avaliar os efeitos da intervenção planejada, foi medida a disposição dos participantes pré e pós implementação, utilizando escala Likert. Após a experiência lúdica programada, 100% dos participantes declararam maior disposição física, mental e emocional – um aumento de 15%, 47% e 31% respectivamente.

Essa abordagem reforça a proposta do Envolvimento, em que o cruzo de diversas práticas do livre



brincar com abordagem de rigor científico e compromisso ético com a Psicologia mostra-se uma estratégia importante para momentos iniciais de troca, em que é necessário transpor a barreira de tensão e tornar o ambiente social mais acolhedor. Com esse levantamento tornou-se viável o mapeamento da potência do “Laboratório do Brincar” e da possível contribuição dessa prática com questões latentes na sociedade como a saúde mental.

Potencial da metodologia

A abordagem proposta pela “Metodologia do Envolvimento” demonstra potencial para promover autoestima (em ambientes acolhedores e de gestão humanizada), inovar pedagogicamente (criando ecossistemas de aprendizagem que integram justiça cognitiva, afetiva e ecológica) e impactar o socioambiental (formando subjetividades capazes de enfrentar os desafios do Antropoceno, como o colapso climático e as desigualdades estruturais). Sempre que tentamos imaginar um mundo sem guerra, sem violência, sem prisões, sem capitalismo, estamos fazendo um exercício de ficção especulativa. Assim como na ficção científica, ativistas lutam incansavelmente para criar e visualizar outro mundo, ou muitos outros mundos possíveis (Imarisha, 2016).

Ao considerar o contexto atual global e, principalmente o referencial geopolítico e social de mulheres negras brasileiras e latino-americanas, se entende a urgência de mais espaços que se proponham a alimentar novos imaginários e futuros radicais. Por isso, o lançamento da “Metodologia do Envolvimento” se dá a partir da rede Afrofuturar, movimento de mulheres negras que desejam articular e tecer novas metodologias e novos conhecimentos, como um encontro de produção compartilhada com outras iniciativas, firmando alianças de confiança, cruzando perspectivas e vivências amplas e diversas para criar ambientes favoráveis para a expressão da potência criativa e inovadora humana, inspiradas inclusive pela perspectiva de “bem-viver” indígena latino-americana, descrita por Alberto Acosta (2016).

Existe a busca da criação de novos imaginários para que outros mundos, em que as diversas existências, principalmente aquelas que hoje são constantemente invalidadas, silenciadas, perseguidas, oprimidas e exterminadas sejam não apenas possíveis, mas vividas de forma plena, na expressão máxima de sua potência, revelando sua verdade e autenticidade. Para criar e imaginar esses futuros radicais, são necessárias outras perspectivas de mundo, que inclusive,



extrapolem a narrativa linear, acadêmica, desenvolvimentista, binária e colonial que foi apresentada como única possibilidade. Por meio das filosofias africanas e de saberes indígenas, se é capaz de relocalizar-se no mundo e construir uma nova subjetividade a partir da experiência fragmentada de pessoas em diáspora no Brasil. Muda-se o eixo e, para além das implicações da biopolítica, há interesse pelas possibilidades da biopotência e, em um ato de potência-de-não [15] (Matos; Collado, 2021, p. 28), se escolhe a retirada do centro e a colocação nas periferias, espaço de resistência, possibilidade, abertura radical e criatividade onde novos discursos críticos se dão (Kilomba, 2019, p. 68). Assim, Afrofuturar e terrenAs, por meio da “Metodologia do Envolvimento”, se organizam como espaços para imaginar formas de pensar, sentir e agir que não poderiam ser imaginadas antes. Espaços que entendem que, se o corpo é lugar da vida e que por ele passam todos os afetos, são necessárias outras dinâmicas para cuidarmos das relações, e, então, propiciar afetos positivos e potencializadores.

Considerações finais

Em um mundo que vivencia inúmeras crises de forma múltipla a “Metodologia do Envolvimento” nasce como uma forma de resistência ativa. Ela busca restaurar vínculos comunitários e denunciar a falência ética do individualismo, conectando humanos à terra e à comunidade, e produzindo conhecimentos baseados no cuidado mútuo, não na exploração.

O cerne dessa metodologia está no sentir, que se manifesta como a escuta profunda de si e do campo, atravessando camadas de raciocínio superficial. Nesse sentido, “O coração é a morada da nossa consciência (...) e o pensar kemético [9] é um exercício de ouvir a si mesmo” (Ribeiro, 2019).

Essa é uma outra forma de sapiência, obtida através da observação sem julgamento, sem expressão, sem fantasia — uma proposição de presença sem desejos outros. O pensar kemético, as culturas indígenas e as filosofias africanas disponibilizam outras bases para refletir, ensinar e aprender sobre as relações dos seres da natureza, do cosmo e da existência humana, sendo culturas ecológicas que não distinguem o ser humano da natureza.

A “Metodologia do Envolvimento”, portanto, sintetiza sua proposta de reencontros e cura no cruzamento de mente, corpo e alma. Ela se coloca como alternativa ao controle dos corpos e afetos e à vergonha, e é construída no:



-
- Cruzo de saberes diversos, que incluem as filosofias africanas e indígenas (Sodré, 2017) e o conhecimento acadêmico;
 - Corpo como produtor de conhecimento por outras linguagens (Martins, 2023);
 - Sentir como ferramenta de conexão e não de separação.

A partir desse envolver-se, gera-se pertença para além dos limites da perspectiva ocidental, abrindo espaço para expressão e inovação, e narrando futuros que escapam à lógica exploratória extrativista.

O futuro, assim, se constrói no tempo presente, não como fatalidade histórica, mas como invenção consciente e crítica do amanhã e dos aprendizados de um passado inacabado, a partir de uma nova dinâmica de tempo. Um tempo espiralar que se funda na ancestralidade como conduta. A partir do cruzo, das conexões entre saberes e vivências opostas, inventam-se mundos outros: futuros em que o conhecimento não é ferramenta de dominação, mas tecido vivo de memórias, gestos, rituais e afetos. Autonomia, nesse contexto, é, como afirmado por Sarr (2020), recusar a corrida: não há ninguém para alcançar, pois a vida é sempre um “vir a ser”, uma possibilidade aberta.

Bibliografia

ACOSTA, A. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante. 2016.

CORRÊA, P. C. M. **Desobediência tecnológica e gambiarra:** o design espontâneo periférico como caminho para outros futuros. 2019. 131 f., il. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37267> Acesso em: 20 nov. 2025.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Pedagogia das encruzilhadas:** uma perspectiva afro-brasileira para educação. [S. I.], [s. d.]. Disponível em:
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/pedagogia-das-encruzilhadas-uma-perspectiva-afro-brasileira-para-educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025.

GROS, F. **Vergonha é um sentimento revolucionário.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FERRARI, Thaís. Capoeira para todos: como luta está dando nova vida a pessoas trans em SP. **UOL Ecoa**, São Paulo, 23 maio 2023. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/05/23/capoeira-para-todos-como-luta-esta dando-nova-vida-a-pessoas-trans-em-sp.htm>. Acesso em: 20 nov. 2025.



IGNACIO, J. P. **O processo de subjetivação do ser africano e a filosofia moderna: a subjetividade como dispositivo político na construção do ser negro.** [S. I.]: Cia do eBook, 2020.

IMARISHA, W. **Reescrevendo o futuro:** usando ficção científica para rever a justiça. Tradução de Jota Mombaça. [S.I.]: oficina de imaginação política, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut. Acesso em: 20 nov. 2025.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. Exposição Teatro Experimental do Negro nas fotografias de José Medeiros. Coordenação do jornal da exposição; Correalização: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro). São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2025.

ISABELAOLIVEIRA. Gambiarra: tecnologia da favela. **Arte, Mídias e Tecnologias**, [S.I.], 4 jun. 2018. Disponível em: <https://artemidiastec.wordpress.com/2018/06/04/gambiarra-tecnologia-da-favela/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

MATOS, A.; COLLADO, F. **Para além da biopolítica.** [S. I.]: Sobiinfluências Edições, 2021.

RIBEIRO, K. **(Re)ancestralizar as vozes através das filosofias africanas.** [S. I.]: TED, 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/katiuscia_ribeiro_re_ancestralizar_as_vozes_atraves_das_filosofias_africanas Acesso em: 13 set. 2025.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer.** 1ª Reimpressão. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023a.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos:** modos e significações. 2. ed. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2023b.

SARR, F. **Afrotopia.** Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SODRÉ, M. **Aula magistral "Dança e Corporeidade" com Muniz Sodré.** [Vídeo]. [S.I.]: Sesc Campinas, 2 out. 2021. 1 vídeo (1h17min01s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xiPz3s8xWO4>. Acesso em: 13 set. 2025.

SODRÉ, M. **Pensar nagô.** Petrópolis: Vozes, 2017.



THAMYRA T.; LISBOA, M. Mecnologia: a ciência da tranquilidade. **Medium**, [S.I.], 6 fev. 2019. Disponível em:
<https://medium.com/@thamyrathmaradearajo/mecnologia-a-ci%C3%AAncia-da-tranquilidade-9a07808639f9>. Acesso em: 20 nov. 2025.

VAID-MENON, A. **Beyond the gender binary**. New York: Penguin Workshop, 2020.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/11/2025

[1] Pesquisadora independente afiliada à Rede Afeta, Afrofuturar e terrenAs. E-mail: camicamargos@gmail.com

[2] Pesquisadora independente afiliada à Rede Afeta, Afrofuturar e terrenAs. E-mail: oi@gabineves.co

[3] *hub* estratégico em rede que reúne profissionais multipotenciais para conectar saberes e ferramentas. O objetivo é inspirar mudanças e reescrever o futuro por meio de projetos com narrativas inovadoras.

[4] Exu (em iorubá: Èṣù): em religiões afro-brasileiras, de matrizes africanas, Exu é um orixá, uma divindade associada à comunicação, movimento e abertura de caminhos.

[5] Espaço de construção de conhecimento autônomo para mulheres negras, escritoras sociais, que discutem, compartilham conhecimento e constroem coletivamente, tendo a liberdade de praticar a imaginação radical e sonhar novos mundos.

[6] Teatro Experimental do Negro (1944-1961): Movimento brasileiro que foi definido como organismo teatral de protagonismo negro. O corpo de atores foi formado, inicialmente, por operários, empregados domésticos, moradores de favelas sem profissão definida e modestos funcionários públicos. Com postura político-discursiva do *Négritude*, movimento político-estético que impulsionou a luta pela independência de muitos países africanos, tinha a intenção da exaltação/reconhecimento do legado cultural e humano do africano no Brasil.

[7] Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode é uma organização cultural e social fundada em 1974 em Porto Alegre, no sul do Brasil. Sua missão é promover o empoderamento, o reconhecimento cultural e a cidadania das comunidades afrodescendentes, especialmente crianças, adolescentes e suas famílias em situação de vulnerabilidade social. O Instituto trabalha para combater o racismo e a discriminação, valorizando e disseminando a cultura afro-brasileira e afro-gaúcha por meio da música, da dança, da educação e de projetos sociais.

[8] Frase amplamente atribuída a Antonio Bispo dos Santos – “Nego Bispo”, intelectual quilombola, referenciado em debates acadêmicos e práticas decoloniais. Não foi localizada referência exata em publicação oficial.

[9] Refere-se a Kemet, que significa Terra Negra. Kemet é também o nome original do país hoje conhecido como Egito.

[10] O termo “cacharreo” na Colômbia refere-se à prática de desmontar, consertar ou adaptar objetos eletrônicos e mecânicos, geralmente de maneira improvisada e com criatividade. É uma expressão popular que remete à engenhosidade cotidiana diante da escassez de recursos e do acesso limitado a serviços técnicos especializados.



[11] Gambiarra é a improvisação criativa típica do Brasil, utilizada para solucionar problemas cotidianos com recursos disponíveis. Adaptação, reutilização.

[12] Uma forma alternativa de design que abrange práticas criativas desenvolvidas em contextos de escassez.

[13] Conceito originado no funk do Rio de Janeiro (Brasil), que deriva da gíria “mec” (estar tranquilo). Refere-se à capacidade dos moradores das periferias de permanecerem serenos e criativos diante da violência e da falta de infraestrutura, desenvolvendo estratégias para lidar com as adversidades.

[14] Grupo voluntário formado por pessoas colaboradoras com foco em avanço das práticas de diversidade, equidade e inclusão.

[15] Segundo Andityas Matos e Francis Collado na obra *Para além da biopolítica* (2021), há uma potência de ser e uma de potência de não ser. A potência de não ser é igualmente potente, uma outra dimensão da potência e se relaciona ao poder-o-não, em que se pode tanto, até mesmo o não.